

O editorial do jornal inglês

Esta é a íntegra do editorial publicado ontem pelo jornal *Financial Times*:

"Neste Natal, deveríamos pensar um pouco sobre os ministros da Economia dos países endividados do Terceiro Mundo. As dificuldades de se tentar servir a dois senhores — satisfazer a comunidade financeira internacional e acomodar a delicada situação interna de seus próprios governos e partidos políticos — mais uma vez pode ser bem ilustrada pelo caso brasileiro.

O senhor Luiz Carlos Bresser Pereira, o ministro brasileiro da Fazenda, renunciou ao seu cargo na última semana quando ficou claro que suas iniciativas para aumentar a receita tributária e cortar os gastos públicos naufragariam drasticamente assim como um exercício já autoderrota-do de luta contra a inflação. A renúncia era o único caminho honrado que ficou aberto para ele, depois de o presidente Sarney ter neutralizado todas as iniciativas por ele tomadas desde que assumiu o cargo em abril último.

Ainda assim, se a sorte do ministro Bresser merece um gesto de simpatia, sua partida não deixa de ser perturbadora. O presidente Sarney, depois de ter usado três ministros da Fazenda em menos de três anos, exauriu sua credibilidade de líder responsável para assuntos econômicos. Ele tem prometido insistentemente cortar os gastos do setor público mas tem provado ser tanto incapaz, como de pouca vontade para conter esse crescimento dos gastos. Ao agir dessa maneira, ele exacerbou um problema crônico que é talvez mais perni-

cioso a longo prazo para o País que a dívida externa do Brasil: o gordo déficit estatal.

O senhor Bresser, pelo menos, oferecia a esperança de um melhor relacionamento com os credores internacionais do Brasil e o retorno a uma disciplina financeira mais eficiente. Ele foi o maior responsável pela retomada do diálogo com os bancos comerciais depois que o pagamento dos juros das dívidas de médio e longo prazos foi suspenso em fevereiro último e, apesar de desvantagens consideráveis, estava tentando controlar o uso político que o presidente Sarney fazia do orçamento federal. De igual importância em seus agora fracassados planos, era a proposta de realizar o tão necessário reajuste do sistema fiscal de modo a que os ricos do País suportassem mais a carga desse que é um dos países em desenvolvimento com maior desigualdade de rendas.

No calendário político brasileiro as eleições presidenciais diretas provavelmente acontecerão em novembro de 1988. Embora o presidente Sarney esteja, ele próprio, fazendo o máximo que pode para prolongar seu mandato, conseguido por vias indiretas, será difícil para ele conseguir persuadir alguém competente a assumir a Pasta da Fazenda, ou mesmo manter o apoio do PMDB, o maior partido político brasileiro que o obrigou a nomear o senhor Bresser, num primeiro momento.

GIGANTE DOENTE

O Brasil se tornou o gigante doente do continente, desperdiçando seu potencial e

alienando amigos e admiradores que vêm tentando preencher o vácuo institucional e constitucional criado pela transição de um governo militar para um civil, em 1985. Evidentemente, o presidente Sarney está governando sob consideráveis limitações. Ele é forçado a acomodar os interesses políticos de vários governos estaduais, da comunidade empresarial, das Forças Armadas e ainda aplacar os distúrbios de uma vasta massa social desprivilegiada, num momento de recessão econômica. Estas características, entretanto, não são exclusivas do Brasil, assim como não é o fenômeno de gigantescos déficits públicos e alta inflacionária. Em gradações diferentes, a situação brasileira é semelhante entre a maioria dos devedores latino-americanos.

Até agora, todos os conselhos dados ao Brasil não conseguiram mais efeito que um assobio ao vento. Em todo caso, os estrangeiros têm pouca influência na situação desde que o Brasil já fez os ajustes externos para corrigir o desaparecimento do fluxo de capital. A doença brasileira é basicamente interna. O desaparecimento de ministros da Fazenda, sucessivamente, mostra que as medidas tidas como essenciais a qualquer autoridade competente estão além dos contornos da atividade política concreta. Assim, desde que essas condições persistam, ao resto do mundo resta apenas aguardar e ter esperanças.